

STEPHEN R. C. HICKS

GUERRA CULTURAL

Como o pós-modernismo
criou uma narrativa
de desconstrução
do ocidente

*"Corajoso e muito
relevante para entender
os dias atuais."*

JORDAN PETERSON



CONHEÇA OUTROS LIVROS DA SÉRIE:

POLÍTICA, IDEOLOGIA E CONSPIRAÇÕES

DESCULPE-ME, SOCIALISTA

MITOS E FALÁCIAS DA AMÉRICA LATINA

A LEI

MENOS ESTADO, MAIS LIBERDADE

OS ERROS FATAIS DO SOCIALISMO

DA LIBERDADE INDIVIDUAL E ECONÔMICA

OS FUNDAMENTOS DO CAPITALISMO:

O ESSENCIAL DE ADAM SMITH

LIBERDADE É PROSPERIDADE:

A FILOSOFIA DE AYN RAND

O RENASCIMENTO DO LIBERALISMO

STEPHEN R. C. HICKS

GUERRA CULTURAL

**Como o pós-modernismo criou uma
narrativa de desconstrução do ocidente**

Tradução
MATHEUS PACCINI



CAPÍTULO 1

O que é o pós-modernismo?

A VANGUARDA PÓS-MODERNA

É popular a ideia de que entramos em uma nova era intelectual. Somos pós-modernos agora. Os principais intelectuais nos dizem que o modernismo morreu e que uma era revolucionária é iminente — uma era libertada das estruturas opressivas do passado, embora ainda preocupada com suas expectativas para o futuro. Até mesmo os oponentes do pós-modernismo, que observam a cena intelectual com certo desagrado, reconhecem a existência de uma nova liderança. No mundo intelectual, houve uma troca de guarda.

Os nomes da vanguarda pós-moderna já soam familiares: Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard e Richard Rorty são seus principais estrategistas. Eles estabeleceram a direção do movimento e o dotaram com suas ferramentas mais poderosas. E existem outros nomes que colaboram com ela: Stanley Fish e Frank Lentricchia em crítica literária e jurídica; Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin em crítica jurídica feminista; Jacques Lacan em psicologia; Robert Venturi e Andreas Huyssen em crítica de arquitetura; e Luce Irigaray em crítica da ciência.

Os membros desse grupo de elite deram a direção e o tom para o mundo intelectual pós-moderno.

Michel Foucault identificou seus principais alvos: “Todas as minhas análises são contrárias à ideia de necessidades universais da existência humana”.¹ Essas necessidades devem ser descartadas como fardos do passado:

“Não faz sentido falar em nome da Razão, da Verdade ou do Conhecimento — ou contra eles”.²

Richard Rorty trabalhou esse tema, explicando que isso *não* quer dizer que o pós-modernismo é verdadeiro ou que oferece conhecimento. Declarações desse tipo seriam contraditórias, por isso os pós-modernos devem usar a linguagem “com ironia”.

A dificuldade que enfrenta um filósofo que, como eu, simpatiza com essa sugestão [como a de Foucault] — alguém que se considera mais um auxiliar do poeta que do físico — é evitar sugerir que ela está correta, que meu tipo de filosofia corresponde à forma como as coisas realmente são. Pois falar dessa correspondência nos recorda justamente da ideia da qual um filósofo como eu quer se livrar, a ideia de que o mundo ou o eu tem uma natureza intrínseca.³

Se não há mundo ou “eu” para compreender e conceber em seus próprios termos, então qual é o propósito do pensamento ou da ação? Tendo desconstruído a razão, a verdade e a ideia de correspondência entre o pensamento e a realidade, e então deixando-as de lado — Foucault escreve: “A ‘razão’ é a derradeira linguagem da loucura”⁴ —, não há nada que guie ou restrinja nossos pensamentos e sentimentos. Logo, podemos fazer ou dizer o que sentimos. A desconstrução, confessa Stanley Fish alegremente, “livra-me da obrigação de estar certo... e exige apenas que eu seja interessante”.⁵

No entanto, muitos pós-modernistas demonstram mais interesse no ativismo político que no jogo estético. Muitos deles desconstróem a razão, a verdade e a realidade porque acreditam que, em nome delas, a civilização ocidental causou a dominância, a opressão e a destruição. “A razão e o poder são uma coisa só”, declara Jean-François Lyotard. Ambos representam e levam a “prisões, proibições, processos de seleção e bem público”.⁶

O pós-modernismo torna-se, então, uma estratégia ativista contra a aliança entre razão e poder. O pós-modernismo, explica Frank Lentricchia, “não busca encontrar o fundamento e as condições da verdade, mas exercer o poder com o propósito da mudança social”. A tarefa dos professores pós-modernos é ajudar os estudantes a “localizar, confrontar e trabalhar contra os horrores políticos de sua época”.⁷

Esses horrores, segundo o pós-modernismo, são mais visíveis no Ocidente, pois foi na civilização ocidental que a razão e o poder mais se

desenvolveram. Mas a dor desses horrores não é causada nem sentida de forma igual. Homens, brancos e ricos têm nas mãos o chicote do poder, e o utilizam cruelmente contra mulheres, minorias raciais e pobres.

O conflito entre homens e mulheres é brutal. “O sexo normal”, escreve Andrea Dworkin, “realizado por um homem normal é considerado um ato de invasão e de apropriação, praticado como uma forma de predação”. Essa percepção especial da psicologia sexual dos homens é confirmada pela experiência sexual das mulheres:

As mulheres têm sido propriedade dos homens como esposas, prostitutas ou servas para práticas sexuais ou reprodutivas. Ser propriedade e ser submetida à prática sexual são ou foram experiências praticamente sinônimas na vida das mulheres. Ele é seu dono; ele a come. O sexo denota a natureza da propriedade: ele a possui de dentro para fora.⁸

Dworkin e sua colega Catharine MacKinnon defendem a censura da pornografia com base em argumentos pós-modernos. Nossa realidade social está construída pela linguagem que usamos, e a pornografia é uma forma de linguagem que constrói uma realidade violenta e dominadora à qual as mulheres devem se submeter. Pornografia, portanto, não é liberdade de expressão, mas opressão política.⁹

Os pobres também sofrem violência nas mãos dos ricos, assim como as nações em dificuldades, nas mãos das nações capitalistas. Citando um exemplo, Lyotard chama nossa atenção para o ataque norte-americano ao Iraque na década de 1990. Apesar da propaganda americana, escreve Lyotard, o fato é que Saddam Hussein foi uma vítima e um porta-voz das vítimas do imperialismo americano pelo mundo.

Saddam Hussein é um produto dos departamentos de Estado e das grandes empresas ocidentais, assim como Hitler, Mussolini e Franco, que nasceram da “paz” imposta a seus países pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial. Saddam é um desses produtos de forma ainda mais óbvia e cínica. Mas a ditadura iraquiana, como as outras, nasce da transferência de aporias [problemas insolúveis] do sistema capitalista para os países derrotados, menos desenvolvidos ou, simplesmente, menos resistentes.¹⁰

Ainda assim, a situação de opressão das mulheres, dos pobres, das minorias raciais e outros é quase sempre velada nas nações capitalistas. A retórica que tenta deixar para trás os pecados do passado, a retórica do progresso e da democracia, da liberdade e da igualdade perante a lei, serve apenas para mascarar a brutalidade da civilização capitalista. Raramente conseguimos ter uma visão honesta de sua essência oculta. Para isso, Foucault nos recomenda olharmos para os presídios:

A prisão é o único lugar onde o poder se manifesta em seu estado puro, em sua forma mais extrema, e onde é justificado como força moral. (...) O que há de fascinante nas prisões é que, por um lado, o poder não se esconde nem se mascara: revela-se como a busca da tirania em seus detalhes; é cínico e, ao mesmo tempo, puro e totalmente “justificado”, já que sua prática pode ser formulada dentro dos parâmetros da moralidade. Consequentemente, sua tirania brutal se apresenta como a dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem.¹¹

Por fim, Jacques Derrida identifica a filosofia do marxismo como a fonte filosófica e de inspiração do pós-modernismo, como aquilo que conecta os aspectos abstratos e técnicos da linguística e da epistemologia ao ativismo político:

A desconstrução só tem sentido ou interesse para mim como radicalização, ou seja, *dentro da tradição* de um certo marxismo em um certo *espírito do marxismo*.¹²

Moderno e pós-moderno

Todo movimento intelectual é definido por suas premissas filosóficas fundamentais. Essas premissas estabelecem o que se considera real, o que é ser humano, o que tem valor e como se adquire conhecimento. Ou seja,

todo movimento intelectual tem uma metafísica, uma concepção da natureza e dos valores humanos, e uma epistemologia.

O pós-modernismo costuma se declarar antifilosófico, no sentido de que rejeita muitas das alternativas filosóficas tradicionais. No entanto, qualquer declaração ou atividade, incluindo o ato de escrever uma explicação pós-moderna de qualquer coisa, pressupõe ao menos uma concepção implícita de realidade e valores. Portanto, apesar de seu desprezo oficial por algumas versões do abstrato, do universal, do estabelecido e do preciso, o pós-modernismo oferece um conjunto consistente de premissas em que situar nossos pensamentos e ações.

Em resumo, temos o seguinte: *metafisicamente*, o pós-modernismo é antirrealista e considera que é impossível falar seriamente de uma realidade com existência independente; em vez disso, propõe uma descrição sociolinguística e construcionista da realidade. *Epistemologicamente*, o pós-modernismo rejeita a noção de uma realidade com existência independente, nega a razão ou qualquer outro método como meio para adquirir conhecimento objetivo dessa realidade. Ao substituir essa realidade por constructos sociolinguísticos, enfatiza a subjetividade, o convencionalismo e a incomensurabilidade dessas construções.

Os relatos pós-modernos da *natureza humana* são consistentemente coletivistas, sustentando que a identidade dos indivíduos é construída em grande parte pelos grupos sociolinguísticos nos quais se integram — grupos esses que variam radicalmente em termos de sexo, raça, etnia e riqueza. Os relatos pós-modernos sobre a natureza humana também enfatizam consistentemente as relações de conflito entre esses grupos; e, como eliminam ou enfraquecem o papel da razão, afirmam que esses conflitos são resolvidos principalmente pelo uso da força, seja de forma velada, seja de forma explícita; por sua vez, o uso da força leva a relações de dominação, submissão e opressão. Por fim, os temas pós-modernos na *ética e na política* caracterizam-se por uma identificação e simpatia com os grupos considerados oprimidos nesses conflitos e por uma disposição para entrar na briga por eles.

O termo “*pós-moderno*” situa o movimento histórica e filosoficamente contra o modernismo. Assim sendo, para formular uma definição de pós-modernismo, é preciso primeiro compreender o que ele rejeita e

busca superar. O mundo moderno existe há vários séculos, e já temos uma boa noção do que é o modernismo.

O modernismo e o iluminismo

Na filosofia, os fundamentos do modernismo residem nas figuras formativas de Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650) por sua influência na epistemologia e, de forma mais abrangente, em John Locke (1632-1704), por sua influência sobre todos os aspectos da filosofia.

Bacon, Descartes e Locke são modernos devido ao seu naturalismo filosófico, sua profunda confiança na razão e, especialmente no caso de Locke, seu individualismo. Os pensadores modernos partem da natureza, e não de algum elemento sobrenatural, que foi o ponto de partida característico da filosofia medieval, pré-moderna. Os pensadores modernos defendem a tese de que a percepção e a razão são os meios de que o ser humano dispõe para conhecer a natureza, em contraste com a confiança pré-moderna na tradição, na fé e no misticismo. Os pensadores modernos destacam a autonomia e a capacidade do ser humano de formar o próprio caráter, em contraste com a ênfase pré-moderna na dependência e no pecado original. Eles enfatizam o indivíduo e o veem como a unidade da realidade, sustentando que a mente individual é soberana e que o indivíduo é a unidade de valor, em contraste com a subordinação feudal pré-moderna do indivíduo a realidades e autoridades superiores — políticas, sociais ou religiosas.*

* O termo “pré-modernismo”, no sentido utilizado aqui, exclui as tradições clássicas (grega e romana) e tem como referência o modelo intelectual dominante no período de 400 d.C. até 1300 d.C. O cristianismo do imperador Augusto foi o centro de gravidade intelectual do pré-modernismo. Mais tarde, durante a Idade Média, o tomismo buscou associar o cristianismo à filosofia naturalista de Aristóteles. Em consequência, a filosofia tomista destruiu a síntese pré-moderna e abriu as portas para o Renascimento e a modernidade. Sobre o uso de “modernismo” aqui, ver também White (1991, p. 2-3), que estabelece uma ligação similar entre razão, individualismo, liberalismo, capitalismo e progresso como elemento essencial do projeto moderno.

QUADRO 1: DEFINIÇÃO DE PRÉ-MODERNISMO
E MODERNISMO

	Pré-modernismo	Modernismo
Metafísica	Realismo: supranaturalismo	Realismo: naturalismo
Epistemologia	Misticismo e/ou fé	Objetivismo: Experiência e razão
Natureza humana	Pecado original; submissão à vontade de Deus	<i>Tábula rasa</i> e autonomia
Ética	Coletivismo: altruísmo	Individualismo
Política e economia	Feudalismo	Capitalismo liberal
Quando e onde	Idade Média	Iluminismo; século xx: ciências, atividades comerciais, áreas técnicas

A filosofia moderna chegou à maturidade no iluminismo. Os *philosophes* (“filósofos”) iluministas consideravam-se radicais, e com razão. A cosmovisão medieval pré-moderna e a visão de mundo iluminista moderna eram concepções coerentes, abrangentes — e totalmente opostas — da realidade e do lugar que os seres humanos ocupavam nela. O medievalismo dominara o Ocidente durante mil anos, de aproximadamente 400 d.C. até 1400 d.C. No período de transição que durou séculos, os pensadores do Renascimento, com a ajuda involuntária das principais figuras da Reforma, neutralizaram a cosmovisão medieval e abriram caminho para os revolucionários dos séculos XVII e XVIII. No século XVIII, a filosofia pré-moderna da era medieval foi intelectualmente aniquilada, e os “filósofos” foram rápidos em transformar a sociedade com base na nova filosofia moderna.

Os filósofos modernos discordavam entre si sobre muitos assuntos, mas sua concordância em pontos essenciais superava as divergências. A descrição que Descartes faz da razão, por exemplo, é racionalista, enquanto a de Bacon e Locke é empirista, o que os colocou na liderança de escolas

rivais. Mas um aspecto era fundamental para os três: a posição central da razão como faculdade objetiva e competente, em oposição à fé, ao misticismo e ao autoritarismo intelectual dos períodos anteriores. Assim que a razão ocupa um lugar de honra, o projeto iluminista floresce.

Se enfatizamos que a razão é uma faculdade do indivíduo, então o individualismo se torna um tema-chave na ética. As obras *Carta sobre a Tolerância* [*A Letter concerning Toleration*] (1689) e *Dois Tratados sobre o Governo* [*Two Treatises of Government*] (1690), de Locke, se tornaram referência na história moderna do individualismo. Ambas ligam a capacidade humana de raciocínio ao individualismo ético e suas consequências sociais: a proibição da força contra o julgamento ou ação independente de outra pessoa, direitos individuais, igualdade política, restrições ao poder do governo e tolerância religiosa.

Se ressaltamos que a razão é a faculdade que nos permite compreender a natureza, então essa epistemologia, quando sistematicamente aplicada, dá origem à ciência. Os pensadores do iluminismo lançaram as bases de todos os ramos mais importantes da ciência. Na matemática, Isaac Newton e Gottfried Leibniz desenvolveram, de forma independente, o cálculo; Newton elaborou sua versão em 1666, e Leibniz publicou a dele em 1675. A publicação mais grandiosa na história da física moderna, *Principia Mathematica*, de Newton, foi lançada em 1687. Um século de investigações e descobertas sem precedentes levou à produção de *Systema naturae* (1735) e *Philosophia Botanica* (1751), ambos de Carolus Linnaeus, que apresentavam, em conjunto, uma abrangente taxonomia biológica, e à produção de *Tratado Elementar de Química* [*Traité élémentaire de chimie*], de Antoine Lavoisier, em 1789, o texto de referência sobre os fundamentos da química.

O individualismo e a ciência são, portanto, fruto de uma epistemologia da razão. E ambos, aplicados sistematicamente, têm enormes consequências.

O individualismo aplicado à política leva à democracia liberal. O liberalismo é o princípio da liberdade individual, e a democracia, o princípio da descentralização do poder político para os indivíduos. À medida que o individualismo se expandia no mundo moderno, o feudalismo declinava. A Revolução Liberal da Inglaterra, em 1688, deu início a essa tendência. No século XVIII, os princípios políticos modernos se expandiram para os Estados Unidos e a França, levando às revoluções liberais de 1776 e 1789. O

enfraquecimento e a derrocada dos regimes feudais possibilitaram, então, aos ideais individualistas atingir na prática todos os seres humanos. O racismo e o sexismo são afrontas óbvias ao individualismo e, portanto, recuaram muito ao longo do século XVIII. Pela primeira vez na história, formaram-se associações para eliminar a escravidão — nos Estados Unidos em 1784, na Inglaterra em 1787, e um ano mais tarde na França; os anos de 1791 e 1792 assistiram à publicação de *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* [Declaration of the Rights of Woman and the Female Citizen], de Olympe de Gouges, e de *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* [A Vindication of the Rights of Woman], de Mary Wollstonecraft, marcos na luta pela liberdade e igualdade das mulheres.*

O individualismo aplicado à economia resulta em livre mercado e capitalismo. A economia capitalista é baseada no princípio de que os indivíduos devem ser livres para tomar as próprias decisões sobre produção, consumo e comércio. Com a expansão do individualismo no século XVIII, os argumentos feudais e mercantilistas perderam força. Com o desenvolvimento do livre mercado surgiu uma compreensão teórica do impacto produtivo da divisão do trabalho e da especialização, do impacto retardante do protecionismo e outras regulações restritivas. Capturando e ampliando essas percepções, *A Riqueza das Nações* [The Wealth of Nations], de Adam Smith, publicado em 1776, é um marco fundamental na história da economia moderna. Teoria e prática se desenvolveram em conjunto e, à medida que os mercados se tornavam mais livres e internacionais, a riqueza disponível aumentava dramaticamente. Por exemplo, segundo as estimativas da N. F. R. Crafts, aceitas por historiadores pró e contra o capitalismo, a renda anual média dos britânicos registrou um crescimento sem precedentes: de 333 dólares em 1700, passou para 399 em 1760, 427 em 1800, 498 em 1830, quando deu um grande salto para 804 dólares em 1860.**

* Cabe também mencionar “On the Admission of Women to the Rights of Citizenship” (1790), de Condorcet, em que ele argumentava que todos os direitos deveriam ser estendidos aos protestantes, aos judeus e às mulheres e que a escravidão deveria ser abolida.

** Valores em dólares americanos de 1970; Nardinelli, 1993.

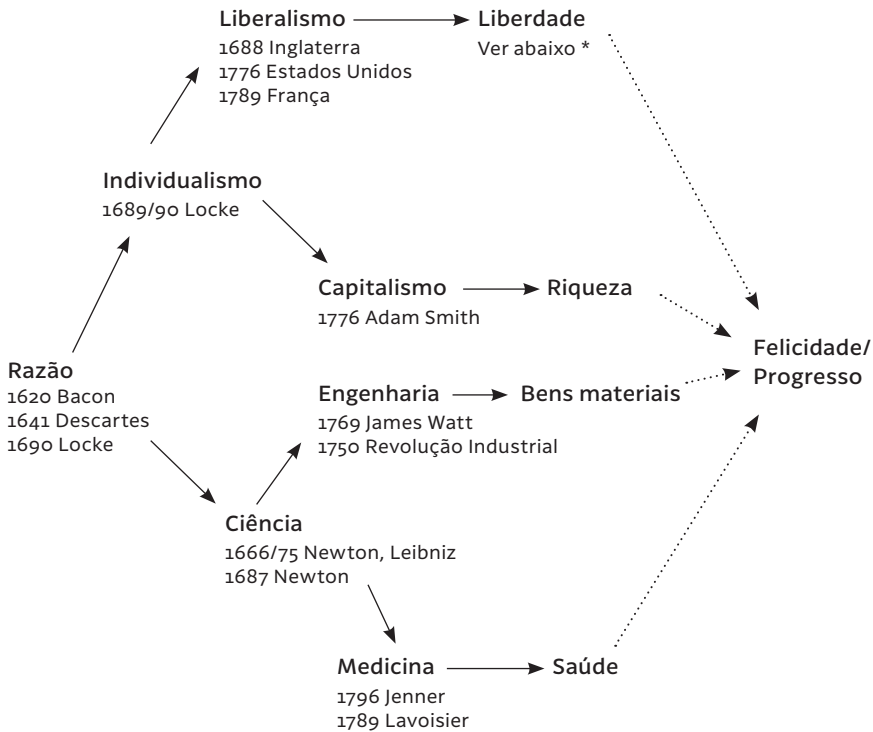
A ciência aplicada sistematicamente à produção material impulsiona a engenharia e a tecnologia. A nova cultura do raciocínio, da experimentação e do empreendedorismo, aliada ao livre intercâmbio de ideias e riqueza, permitiu a cientistas e engenheiros, já na metade do século XVIII, adquirir conhecimentos e criar tecnologias em uma escala até então desconhecida. A consequência mais notável disso foi a Revolução Industrial, que começou a tomar impulso na década de 1750 e após 1769 já andava a todo o vapor, com o sucesso do motor de James Watt. A máquina de fiar hidráulica de Thomas Arkwright (1769), a máquina de tear rotativa de James Hargreaves (c. 1769) e a máquina de fiar intermitente de Samuel Crompton (1779) revolucionaram a fiação e a tecelagem. Entre 1760 e 1780, por exemplo, o consumo de algodão cru na Grã-Bretanha cresceu 540%, de 1,2 milhão para 6,5 milhões de libras. Por um tempo, os ricos se mantiveram fiéis aos produtos artesanais, de modo que os primeiros produtos a ser fabricados em grande escala nas novas fábricas eram itens baratos para as massas: sabão, vestuário e roupas de cama de algodão, sapatos, porcelana Wedgwood, panelas de ferro etc.

A ciência aplicada à compreensão dos seres humanos leva à medicina. Os novos métodos de compreensão dos seres humanos como organismos naturais se baseavam em novos estudos, iniciados no Renascimento, sobre a fisiologia e a anatomia humanas. As explicações supranaturalistas (e outras descrições pré-modernas) das enfermidades humanas foram descartadas à medida que, na segunda metade do século XVIII, a medicina moderna foi se firmando em bases científicas. A consequência mais importante dessa mudança foi que, combinada com o crescimento da riqueza, a medicina moderna aumentou drasticamente a longevidade humana. A descoberta da vacina contra a varíola por Edward Jenner, em 1796, por exemplo, forneceu uma proteção contra o maior assassino do século XVIII e, ao mesmo tempo, deu origem à ciência da imunização. Os avanços na obstetrícia tornaram-na um ramo próprio da medicina, o que contribuiu para um declínio significativo das taxas de mortalidade infantil. Em Londres, a taxa de mortalidade de crianças menores de cinco anos caiu de 74,5% no período de 1730 a 1749 para 31,8% entre 1810 e 1829.¹³

A filosofia moderna amadureceu durante o século XVIII, consolidando o conjunto de valores que predominou na Era Moderna: naturalismo, razão

e ciência, tábula rasa, individualismo e liberalismo.¹⁴ O iluminismo não só disseminou essas ideias nos círculos intelectuais mas também as aplicou na prática. Como resultado, os indivíduos se tornaram mais livres, prósperos e longevos, podendo usufruir de maior conforto material do que nunca.

DIAGRAMA 1: A VISÃO ILUMINISTA



* 1764 — Beccaria, *On Crimes and Punishment*
 Década de 1780 — Últimas bruxas queimadas legalmente na Europa
 1784 — American Society for Abolition of Slavery [Sociedade americana para a abolição da escravidão]
 1787 — British Society for Abolition of Slave Trade [Sociedade britânica para a abolição do tráfico de escravos]
 1788 — French Societé des Amis des Noirs [Sociedade francesa de amigos dos negros]
 1792 — Wollstonecraft, *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2021**